

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

ISSN: 2525-9571

Vol. 6 | N.º. 3 | Ano 2024

Beatriz de Souza Bessa

UNIRIO

beatriz.bessa@edu.unirio.br

**EIXO TEMÁTICO: PRÁTICAS
INTERDISCIPLINARES E
DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO**

**POSSIBILIDADES
AFROFUTURISTAS NA EDUCAÇÃO
MUSICAL**

*Afrofuturistic possibilities in music
education*

Resumo: A partir da pesquisa bibliográfica sobre o conceito de afrofuturismo e sua expressividade no campo musical, esse trabalho tem como objetivo apresentar atividades com temáticas afrofuturistas realizadas por mim em uma instituição escolar. Tendo em vista a promulgação em 2004 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais no Brasil e a carência da palavra “futuro” nesse documento é urgente que tal temática esteja presente na sala de aula. Através de atividades que unem a cultura ancestral ao uso de tecnologias, foram realizadas práticas pedagógicas antenadas com a produção musical afrofuturista de artistas negros em uma escola localizada em uma favela do Rio de Janeiro. Esse artigo tem como metodologia o conceito de escrevivência, considerando minha atuação enquanto professora de educação musical, e tendo como referências autoras negras como Conceição Evaristo, Ytasha Womack e Joni Acuff. Assim, a leitura do texto apresenta ações criativas e antirracistas que estão sendo realizadas na educação por meio da música, pelo passado, no presente e para o futuro.

Palavras-chave: educação musical; afrofuturismo; antirracismo.

Abstract. Based on bibliographical research on the concept of Afrofuturism and its expressiveness in the musical field, this work aims to present activities with Afrofuturist themes carried out by me in a school institution. Considering the promulgation in 2004 of the National Curricular Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations in Brazil and the lack of the word “future” in this document, it is urgent that this theme be present in the classroom. Through activities that combine ancestral culture with the use of technologies, pedagogical practices were carried out in tune with the Afrofuturist musical production of black artists in a school located in a favela in Rio de Janeiro. This article uses the concept of writing as its methodology, considering my work as a music education teacher, and having as references black authors such as Conceição Evaristo, Ytasha Womack and Joni Acuff. Thus, the reading of the text presents creative and anti-racist actions that are being carried out in education through music, from the past, in the present and for the future.

Keywords: music education; afrofuturism; antiracism.

1. Introdução

O filósofo camaronês Achille Mbembe (2016) afirmou que o futuro será a África, pois dentro de 30 a 50 anos uma em cada três pessoas no planeta será africana ou descendente de africanos em diáspora. Assim, que caminhos é possível trilhar para que essa vantagem populacional não se reflita numa crescente precarização do futuro de negros e negras no planeta?

No Brasil, em 2003, a lei 10.639 alterou a lei 9.394 de 1996, incluindo no currículo oficial da rede de ensino brasileiro a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Em seguida, em 2004, foram publicadas as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico Raciais: documento importante na luta do povo preto por maior representatividade na educação brasileira. As Diretrizes são uma das políticas públicas de Estado, de cunho institucional e pedagógico, que visa o reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros. Esse documento faz parte de um processo de anos de luta pela valorização da cultura preta nos currículos escolares. No entanto, lendo os textos das Diretrizes (Brasil, 2004) percebe-se uma presença marcante das palavras história (aparece 104 vezes), passado (aparece 4 vezes), origem (aparece 5 vezes), ancestralidade (aparece 2 vezes), mas a palavra "futuro" surge apenas uma vez em todo o documento no parágrafo:

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, evitando-se distorções, envolverá articulação entre passado, presente e futuro no âmbito de experiências, construções e pensamentos produzidos em diferentes circunstâncias e realidades do povo negro. É um meio privilegiado para a educação das relações étnico-raciais e tem por objetivos o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas (Brasil, 2004, p.20).

O documento ressalta a importância de trazer para a educação a voz dos silenciados e os conhecimentos ancestrais, mas e quanto ao futuro da população preta e marginalizada? Combater o racismo também é a sociedade se responsabilizar para promover um futuro mais digno para todos. Não podemos esquecer que a maioria dos jovens nas escolas públicas do Brasil são pessoas de pele preta e que o último Censo realizado pelo IBGE¹, de 2022, mostrou que mais da metade da população do Brasil se considera preta ou parda.

A ausência da palavra futuro em um documento de objetivo pedagógico é uma das muitas lacunas das Diretrizes de 2004. No entanto, no campo da cultura africana e afrodiaspórica o terno futuro tem despontado em diferentes frentes de expressão artística: O AQUILOMBAR², evento organizado pela Coordenação Nacional de Articulação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) ocorreu do dia 16 de abril desse

¹ [Panorama do Censo 2022 \(ibge.gov.br\)](https://ibge.gov.br)

² [Aquilombar 2024 reúne milhares de Quilombolas em Brasília, mostra a beleza da cultura afro-brasileira e unifica a luta pela demarcação de Territórios \(dgmbrasil.org.br\)](https://dgmbrasil.org.br)

ano com a temática *Ancestralizando o Futuro*; o projeto *Afroturismo SP*³, promovido pela Secretaria de Turismo e Viagens de São Paulo (Setur-SP), que lançou no mesmo mês uma publicação com os dez principais roteiros paulistas ligados à cultura afro-brasileira; a exposição *Munguengue: O Futuro é dos Crias*,⁴ fruto da parceria entre o Coletivo Kambacua e a Área de Educação e Ação Social do Instituto Moreira Salles, vem ocupando a galeria do Parque Madureira no Rio de Janeiro com o objetivo de mostrar como a arte produzida em contextos periféricos têm apontado novos futuros para esses territórios. Em junho de 2024 o Museu Afro Digital da Bahia⁵ apresentou seu novo logotipo nas redes sociais, baseado na máscara gelede, salientando que sua nova marca vislumbra o futuro, mas sem deixar de lado as raízes africanas.

No entanto, pesquisas realizadas pelas instituições Comitê Gestor da Internet no Brasil⁶ (CGI.br) em 2021 e Potências Negras Tec⁷ em 2022 apontam tanto a ausência de pessoas negras nas áreas da tecnologia, principalmente mulheres negras, como a dificuldade de acesso a bens virtuais pela população afrodescendente no Brasil. Ser ativo dentro da perspectiva da era digital, rompendo com a imagem generalista que retrata nós negros como pessoas ligadas somente a práticas artesanais e à informalidade, também é um dos pontos que alimenta o pensamento afrofuturista. “Com o poder da tecnologia e liberdades emergentes, os artistas negros têm mais controle sobre sua imagem mais do que nunca. Bem-vindo ao futuro” (Womack, 2013, p.28).

Assim, esse trabalho tem como objetivo apresentar algumas práticas pedagógicas de temática afrofuturistas que foram realizadas em uma escola na favela do Vidigal, no Rio de Janeiro, onde leciono a disciplina Música no Ensino Fundamental I, através da metodologia da escrevivência.

2. Afrofuturismo

Afrofuturismo é um termo cunhado em 1994 por Mark Dery, crítico cultural branco norte-americano, no trabalho intitulado *Black to the future*. A publicação questionava a invisibilidade de artistas negros e negras no cinema, na literatura e na ficção científica dos Estados Unidos. Essa constatação de Dery surge durante entrevista com o escritor Samuel R. Delany, o crítico cultural Greg Tate e a pesquisadora e professora Tricia Rose. Dery se questionava por que os negros estão tão “visivelmente ausentes das histórias que contamos a nós mesmos, como sociedade, sobre utopias tecnológicas e possibilidades pós-humanas?” (Dery, 1994). No entanto, o movimento afrofuturista já era vivo em performances artísticas negras desde os anos 50, com seu principal expoente sendo o músico Sun Ra. No longa metragem *Space is the place*, de 1974, do diretor John Coney, Sun

³ WTM: Governo de SP lança roteiros de afroturismo | Governo do Estado de São Paulo (saopaulo.sp.gov.br)

⁴ Exposição 'Munguengue - O Futuro é dos Crias' leva arte dos subúrbios ao Parque de Madureira (globo.com)

⁵ Home - (uni-bayreuth.de)

⁶ <https://forbes.com.br/forbes-tech/2020/05/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia>

⁷ <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pesquisa-inedita-mostra-desigualdade-racial-no-mercado-de-tecnologia/>

Ra interpreta a si mesmo, e viaja à Terra para recrutar pessoas negras através da música, pois apenas o espaço sideral poderia oferecer a essas pessoas segurança e liberdade. Entretanto, enquanto conceito, o afrofuturismo foi se expandindo e enfim apropriado pela população negra após a publicação do artigo de Dery. Atualmente, tal conceito e suas performances ocupam

espaços para além da produção ficcional norte-americana: estão no cinema, na literatura, nas artes visuais, na música e na dança em várias partes do mundo. Nesse sentido, campos artísticos diversos já têm representatividade de artistas negros que inventam e recriam futuros especulativos.

“O afrofuturismo é a ficção especulativa ou a ficção científica escrita por autores afrodiáspóricos e africanos, um movimento estético global que abrange arte, cinema, literatura, música e academia.” (Yaszek, 2013, p. 1). Para Freitas e Freitas (2018) o afrofuturismo envolve “criações artísticas que exploram futuros possíveis para as populações negras por meio da ficção especulativa” (Freitas;Messias, 2018, p. 405). Já Mosley pontua que “a ficção científica pode derrubar paredes e janelas, os artifícios e as leis mudando a lógica, capacitando os desprivilegiados” (Mosley, 1998, p. 32). Eshun (2003) define o Afrofuturismo como “um programa para recuperar as histórias de contra futuros criados num século hostil à projecção afrodiáspórica” (Eshun, 2003, p. 301) e Nelson (2002) afirma que se trata de “vozes afro-americanas com outras histórias para contar sobre cultura, tecnologia e coisas que estão por vir” (Nelson, 2002, p. 9). Ytasha Womack (2013) o define como “uma interseção entre a imaginação, a tecnologia, o futuro e a liberação” (Womack, 2013, p. 9). Na perspectiva do Afrokut, um coletivo online que se intitula como Rede Social da AfroHumanidade na internet, o afrofuturismo é “uma nova tecnologia de cura, memória e justiça, que desestabiliza noções de tempo linear ocidental” (Afrokut, 2024). Já segundo Ernesto (2018), conhecida no âmbito de coletivos afrofuturistas no Brasil como Luain-Zaila, “desde a antiguidade, os povos negros africanos e suas inúmeras diásporas sempre demonstraram através de levantes estarem prontas para imaginar e viver futuros onde suas pátrias, descendências, culturas e vidas seriam livres de qualquer tipo de opressão (Ernesto, 2018, p.6).

Nessa perspectiva, o afrofuturismo não seria um movimento que se inicia no século XX, e sim a expressão de forças de resistência que acontecem desde o rapto de africanos e africanas de suas terras, como a criação de quilombos e a prática da capoeira, por exemplo, visando um futuro de liberdade. A perspectiva afrofuturista “estuda os apelos que artistas, músicos, críticos negros e escritores fizeram para o futuro, nos momentos em que qualquer futuro para eles era difícil imaginar” (Eshun, 2003, p. 294). Destarte, o futuro está intrinsecamente ligado ao passado.

3. Escrevivência como metodologia

A escrevivência, conceito usado pela primeira vez por Conceição Evaristo em 1995, opera no domínio da experiência das mulheres negras brasileiras, como eu, e nossas vivências cotidianas.

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 11).

Surge assim, de uma autoria feminina e negra mas “não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade” (Evaristo, 2020, p. 38). É a reivindicação por uma escrita que revela a vivência da mulher negra na realidade brasileira, em busca de se inserir no mundo da escrita acadêmica, secularmente vedado a nós pela sociedade escravocrata, onde durante séculos nossa função foi cozinhar, limpar, cuidar dos filhos e sofrer violência sexual na Casa Grande.

A escrevivência é base de práticas de pesquisa em que a autoria é fruto da experiência compartilhada e de conhecimentos herdados em comunidades negras. É uma metodologia de pesquisa que utiliza da vivência do pesquisador como ferramenta para a produção de novos conhecimentos, utilizando técnicas, ferramentas e abordagens presentes no cotidiano, numa forma de investigação que

não se restringe a um recorte espaço-temporal que tem início com a entrada em campo, ou com a realização de observações e de entrevistas circunscritas ao tempo do projeto de pesquisa. Referem-se, isso sim, a vivências inscritas no corpo pelo pertencimento étnico-racial e que são registradas em produções acadêmicas por intelectuais negros (Dorneles; Meinerz; Rosa, 2024, p. 12).

Esse conceito orienta uma escrita com “mais autonomia autoral, de interferência e participação na narrativa, além de fluidez, com ritmo (...), que tem diminuído a distância entre os diferentes saberes produzidos dentro e fora da universidade” (Felisberto, 2020, p. 170), revelando modos de operar calcados em experiência singular, discutindo as práticas docentes pelo viés étnico, em contraponto ao racismo que permeia as estruturas educacionais.

Desse modo, em meu percurso profissional, enquanto professora pesquisadora, a escrevivência me oportuniza tecer conhecimentos integrados entre arte, educação e negritude, numa instituição onde a maioria dos estudantes é negra.

À pesquisa bibliográfica do conceito de afrofuturismo une-se a realidade do cotidiano escolar, incluindo minha própria trajetória na realização e desenvolvimento das práticas pedagógicas alinhadas a pedagogias decoloniais de educação deslocadas da visão eurocentrada.

4. Algumas experiências pedagógicas

Desde 2008 leciono Educação Musical em uma escola na favela do Vidigal, no Rio de Janeiro. A escola foi fundada em 1945 pelas Filhas de Jesus, congregação criada pela espanhola Cândida Maria de Jesus em 1871 que tinha como objetivo promover a educação cristã de meninas de classes menos favorecidas. A chegada ao Brasil foi em 1911, quando a já nomeada Madre Cândida enviou seis Filhas de Jesus, freiras, ao nosso país para aqui fundar escolas. No Rio de Janeiro, começou no Leblon, atendendo apenas a garotas, mas em seguida se instalou no morro do Vidigal, quando ainda não existia o processo de favelização do território. Durante muitos anos atendeu às famílias de elite do Leblon e abriu as portas também para meninos. Mas em janeiro de 2001, fundou-se o Centro Popular de Educação e de Assistência Social Stella Maris⁸, conhecido na vizinhança como Colégio Stella Maris, e passou a atender apenas a alunos em situação de vulnerabilidade social moradores do Vidigal, da Chácara do Céu e da Rocinha. Hoje em dia são as outras escolas da Rede Filhas de Jesus, espalhadas pelo Brasil, que sustentam o Stella Maris, já que todos os alunos são bolsistas, pagando conforme sua comprovação de renda. Por ser uma escola católica, tem boa infraestrutura e é bem equipada: salas de aula grandes, muitos instrumentos musicais disponíveis na sala de música, auditório, sala audiovisual, ginásio, três quadras para esportes, pátio amplo e sala de informática.

Eu leciono música para o Ensino Fundamental I há 15 anos nessa instituição e sempre tive bastante autonomia durante as aulas e no meu planejamento. Ao longo desses anos, venho realizando práticas de diferentes performances musicais da cultura popular negra brasileira: roda de côco, de jongo, cacuriá, samba de roda, maracatu entre outras sonoridades. Mas os conceitos de afrofuturismo e do tempo espiralar afluíram novos modos de ensinar na minha vida profissional, e comecei a compreender a sala de informática também como ferramenta pedagógica. Por ser uma favela, mais da metade dos alunos é afrodescendente e não tem acesso fácil a bens computacionais.

Certo dia fiz a opção didática de levar os estudantes à sala de informática e utilizar a ferramenta Chrome Music Lab: trata-se de um site que oferece experimentos musicais online construídos com tecnologia web de acesso gratuito. Utilizei a aba Rhythm na plataforma para desenvolver a prática de um padrão de clave bastante presente em comunidades de África, no Brasil e em musicalidades afrodiaspóricas da América Central, em compasso 12x8, conhecido como barravento. A partir desse padrão rítmico diversos ritmos se estruturam, normalmente utilizando um instrumento percussivo de timbre agudo, como o gonguê. Apresentei a tela desse padrão rítmico e realizamos inúmeras atividades de acompanhamento com percussão corporal. Depois, manuseando o computador, os estudantes puderam manipular o conteúdo e reinventar outras sequências rítmicas a partir desse compasso.

⁸ <https://stellamaris-rj.com.br/>

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

RHYTHM

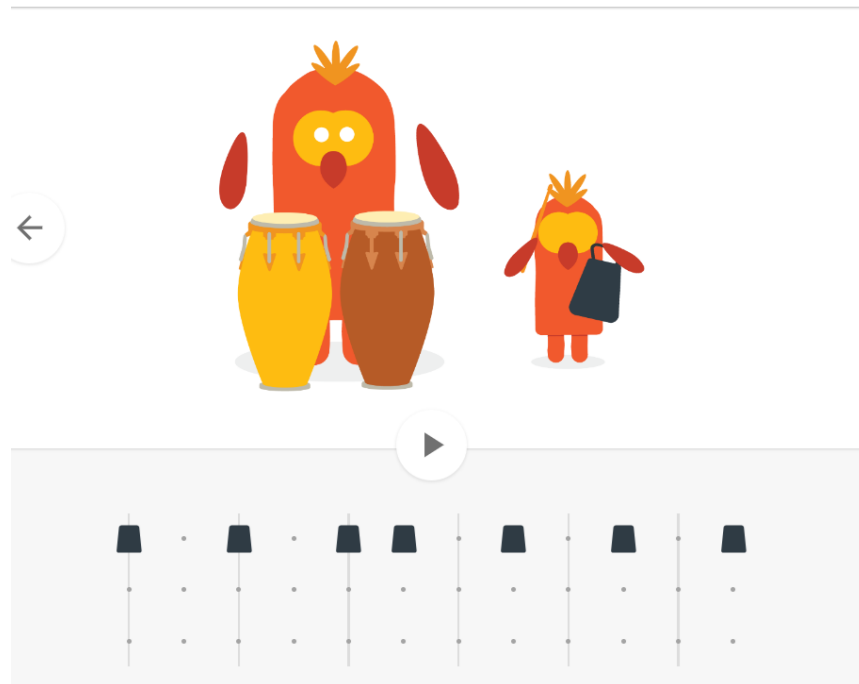


Figura 1 - Print da clave na página Rhythm do site Chrome Music Lab.

Na interface do site podemos ver a ilustração dos instrumentos, que parecem ser duas congas ou dois atabaques, além do já referido gonguê. Após a aula em que usamos o computador, pudemos tocar as congas que ficam na sala de música, repetindo o barravento e depois explorando outras levadas.

No mesmo website há a aba Song Maker, onde é possível realizar a notação musical utilizando cores em degraus de uma escada, escrevendo assim melodias. Optei em usar a música Paranaúê, canção de domínio público usada na capoeira. Na mesma interface, depois da escrita melódica dessa canção, os estudantes adicionaram um instrumento rítmico acompanhante, tendo a opção em se colocar som de marimba (instrumento originário dos povos abundos), ou de conga (tambor popularizado em Cuba mas criado em África) ou mesmo um sintetizador para produzir beats. Nas configurações, as crianças conseguiram modificar a escala para cromática ou pentatônica, alterar o modo, o tom, a oitava entre outras personalizações. Em outra aula, já na sala de música, a turma tocou a música Paranaúê na flauta doce e já a havia tocado no xilofone. Apesar de eu não ser Mestre de Capoeira, também já havíamos vivenciado uma roda de capoeira em sala de aula, com a presença, inclusive, de uma das irmãs Filhas de Jesus que até entrou na roda com os alunos e fez muitas gingas em sua *performance*. Momentos de capoeira nas aulas de música são muito solicitados pelos alunos, pois existe no Vidigal alguns núcleos de capoeira que os estudantes frequentam fora do horário escolar e são eles mesmo que trazem essas demandas.

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

Desse modo, vivenciar a capoeira na performance da roda, cantando, tocando instrumentos musicais e manipulando virtualmente seus elementos sonoros fortalece o vínculo do estudante com o espaço escolar e possibilita que ele experimente a linguagem musical de diferentes maneiras.

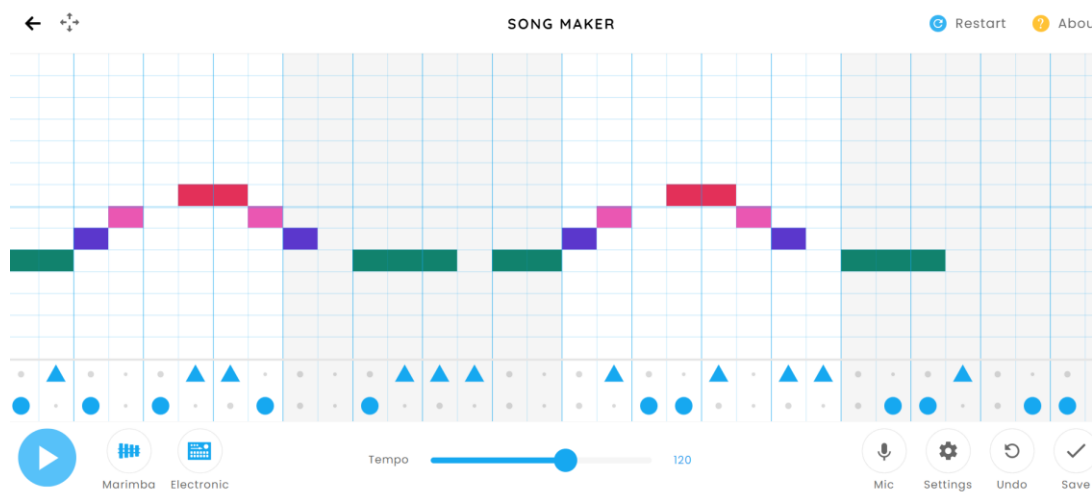


Figura 2 - Canção *Paranaúê* criada na página Rhythm do site Chrome Music Lab.

Outra alternativa pedagógica que faz essa ponte entre ancestralidade e futuro é usufruir do funk em sala de aula. A partir do funk carioca, preferência de inúmeros jovens da atualidade, como aponta minha experiência como professora, pode-se vivenciar o maculelê. A célula rítmica do chamado funk tamborzão, que provém da fusão entre o ritmo “volt mix” e tambores afro-brasileiros, é a mesma célula rítmica do atabaque do maculelê. O maculelê é uma dança que surgiu no Recôncavo Baiano, que simula uma luta com bastões de madeira, ou facões, praticada ao som de atabaques e cânticos. Há quem sustente, no entanto, que o maculelê tem também raízes indígenas, sendo então de origem afro-indígena. Mestre Popó, principal ícone da disseminação do maculelê no país, deixa clara a sua opinião de que o maculelê é uma invenção dos escravizados no Brasil, sendo assim uma tática de resistência, como a capoeira. A apropriação do maculelê ao cenário da black music no país na década de 1990 é um dos processos de nacionalização do funky, originário dos Estados Unidos.

Durante as aulas de música utilizamos claves e garrafas pets para a prática do maculelê, assim como batalha de passinhos inspirados em coreografias do Tik Tok.

MACULELÊ



Figura 3 - Partitura rítmica do maculelê.

Em 1994, o DJ Alessandro, da Equipe Laser Rio, que também é capoeirista, utiliza o toque maculelê em uma montagem intitulada Macumba Lelê e desvela um processo de continuidade que parece sublinhar as possibilidades de usos inovados de um toque observado tanto no Candomblé de Caboclo, no maculelê, quanto em uma produção musical associada aos bailes funk (Moutinho, 2022, p. 32).

Além disso, em sala de aula, pode-se realizar a ampliação de repertório incluindo Baianasytem, Orquestra Afrosanfônica, Abufela, Foli Griot Orquestra, Rita Benneditto, Naná Vasconcelos, Djalma Correa, Juçara Marçal, Xênia França, Larissa Luz, OQuadro, Radiola Serra Alta, Abayomi Afro Beat Orquestra, B Negão, Aláfia, Afroelectro, Orquestra Rumpilezz, entre centenas de outros artistas do Brasil, atuais e passados, que bebem de fontes sonoras de nossos antepassados e mesclam-se às inovações em diferentes matizes da tecnologia sonora. Gilberto Gil⁹ em 1991 lançou *Parabolicamará*, mesclando a ginga da capoeira à trama das inovações via satélite de então. Jorge Ben Jor em 1974 na letra de *Errare humanum est*¹⁰ traz as figuras das viagens espaciais, dos astronautas, dos deuses de outras galáxias. Ben Jor é apontado por Oliveira (2020) como o pioneiro do afrofuturismo na MPB. Segundo o autor, o músico carioca é “responsável por fundar um novo paradigma que conduz a música brasileira por lugares bem diferentes daqueles possibilitados pela bossa nova” (Oliveira, 2020), que era a música de referência na época, pois o violão de Jorge trazia renovações nas levadas, na forma de tocar. Rocha (2020) aponta que o álbum *Afrociberdelia*¹¹, de Chico Science e Nação Zumbi, lançado em 1996 já flertava com aspectos afrofuturistas, anunciando “um universo que emerge do encontro do baque do maracatu com guitarras distorcidas do rock, do Rap e batidas de música eletrônica” (Rocha, 2020, p. 4). O samba de roda, também seria, segundo Rocha (2020) uma sonoridade afrofuturista, pois traz uma tecnologia sonora inovadora a partir do uso do prato-e-faca como instrumento percussivo, trazendo timbres imprecisos e exprimindo “uma forma de enfrentamento das forças colonizadoras da tonalidade” (Rocha, 2020, p. 6). Um currículo de arte afrofuturista explora “contranarrativas futurísticas que falam das interseções da história e do progresso, da tradição e da inovação, da tecnologia e da memória, do autêntico e da engenharia, do analógico e do digital nos espaços da cultura

⁹ [Parabolicamará \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

¹⁰ [Errare Humanum Est \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

¹¹ [Chico Science & Nação Zumbi - Afrociberdelia \[Full Album\] \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

diaspórica” (David, 2007, p. 698), desenvolvendo contrapráticas que descentram a branquidade no mundo da música.

5. Finalizando por enquanto...

As atividades descritas nesse trabalho são apenas uma amostra de inúmeras possibilidades de estratégias pedagógicas que podem ser realizadas, tendo o afrofuturismo como provocação e ação em sala de aula. Existe uma cultura musical negra na humanidade, no ciclo que une passado, presente e futuro, de extrema diversidade e experimentação sonora que pode ser desenvolvida nos espaços escolares, tanto para alunos negros como alunos não-negros. Saber ancestral não é antônimo de futuro, pois essa oposição entre os tempos representa muito mais o conhecimento ocidental-colonizador do que aqueles cultivados em comunidades africanas.. O termo *digital* vem do latim *digitalis*, de *digitus*, ou seja, origina de *dedo*. É urgente desnaturalizar a incompatibilidade entre músicas de diversos tempos, criada pelo povo preto em diferentes contextos e épocas, para nos fortalecermos enquanto grupo e para fortalecer as gerações que surgem a cada momento. A escola é um espaço profícuo para investimento em performances coletivas e acesso a experiências em software, que não são entidades opostas. O que fazemos hoje é herança do que já foi feito e visa um futuro mais potente, justo e representativo do que ainda é a atualidade. O afrofuturismo se entoa num ponto de Xangô e num verso de Criolo, num canto de chegada e num remix da Ellen Oléria, na palma do jogo e e no reverb vocal do Abufela!. E a educação é um meio poderoso através do qual essas forças incessantes se unem, e podem garantir uma comunidade humana mais consciente e preparada para os desafios do mundo.

6. Referências

AFROKUT. **Rede Social da AfroHumanitude**. Disponível em: <https://afrokut.com.br/>. Acesso em: 20/03/2024

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica [...]. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2004. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf. Acesso em: 18 dez. 2023.

DAVID, Marlo. Afrofuturism and post-soul possibility in Black popular music. **African American Review**. Baltimore, 41(4), 695–707, 2007.

DERY, Mark. **Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose**. **Flame Wars: the discourse of cyberculture**. Durham: Duke University Press, 1994.

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

DORNELES, Dandara Rodrigues; MEINERZ, Carla Beatriz; ROSA, Russel Teresinha Dutra da. Escrivivência: sentidos na obra evaristiana e modos de viver a pesquisa em educação. **PerCursos**, Florianópolis, v. 25, p. e 0105, 2024. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/24358>. Acesso em: 17 out. 2024.

ERNESTO, Luciene Marcelino. **Sankofia**: breves histórias sobre afrofuturismo. Rio de Janeiro: Edição da Autora, 2018.

ESHUN, Kodwo. Further considerations on Afrofuturism. **The New Centennial Review**, v. 3, n. 2, 2003.

A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). Escrivivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, 1ª edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020

EVARISTO, Conceição. FELISBERTO, Fernanda. Escrivivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 164-181.

FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. O Futuro Será Negro ou Não Será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. **Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual**, n. 17, p. 402-424, 2018.

KABRAL, Fábio. O futuro é negro o passado e o presente também. **Portal Geledes**. São Paulo, 29/03/2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afrofuturismo-o-futuro-e-negro-o-passado-e-o-presente-tambem/> Acesso em: 12 dez. 2023

LIMA, Heloisa Pires.; MELO, Willivane Ferreira de; VASCONCELOS, Águida. **O fio d'água do quilombo**: uma narrativa do Zambeze no Amazonas? São Paulo: Prumo, 2012.

MBEMBE, Achille. **Palestra proferida em maio de 2016 no College de France**. Disponível em: <http://www.college-defrance.fr/site/en-alain-mabanckou/symposium-2016-05-02-17h30.htm>. Acesso em 15 de abril de 2024.

MOSLEY, Walter. Culture zone; black to the future. **New York Times Magazine**, 1 de novembro de 1998

MOUTINHO, Renan Ribeiro. Montagens de funk carioca: processos afrodiaspóricos com o ciclo rítmico do congo, a capoeira e o maculelê. **Opus**, v. 28, p. 1-40, 2022.

NELSON, Alondra. Introduction: future texts. **Social Text**, v. 20, n. 2, p.1-15, Durham: Duke University Press, 2002. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/4/article/31931> Acesso em: 10 dez. 2023

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

THE WONDALAND ARTS SOCIETY. sem data. Disponível em:
<https://wondaland.wordpress.com/about/> Acesso em: 26 jun. 2024

OLIVEIRA, Acauam. De qual afrofuturismo precisamos? **Revista Bravo!** Aug 27, 2020. Disponível em: <https://medium.com/revista-bravo/de-qual-afrofuturismo-precisamos-ed9bce0796e7>. Acesso em: 26 jun. 2024

RA, Sun. **Space is the place.** John Coney. Youtube: 1974. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=owCPrIEliZc&t=2s>. Acesso em: 10 dez. 2023

ROCHA, Pitter. ***O som afrofuturista: elaboração da ficção sônica Impactitos por Disco Duro.*** 2021. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

WOMACK, Ytasha . **Afrofuturism:** The world of black sci-fi and fantasy culture. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.

YASZEK, Lisa. Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism and New Hollywood. **A Virtual Introduction to Science Fiction.** Ed. Lars Schmeink. Web, 2013.